

Risco de incêndio que assombra os museus

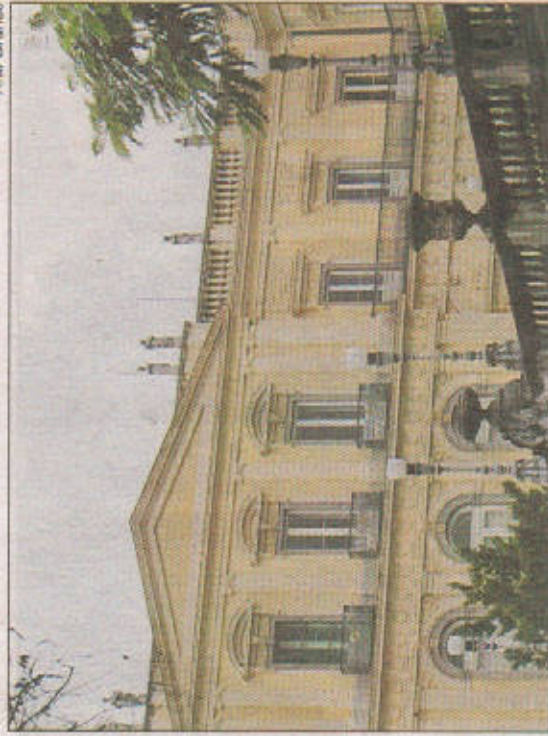
Instituições reivindicam brigadas para proteger seus acervos raros e que ainda não foram digitalizados

Laura Antunes

O incêndio que destruiu a Capela de São Pedro de Alcântara, instalada no Palácio Universitário, na Prala Vermelha, na última segunda-feira, fez disparar o alarme nos principais museus e em outras instituições públicas que guardam acervos de valor histórico inestimável. A destruição de parte do patrimônio da UFRJ levou, por exemplo, a direção do Museu Histórico Nacional, na Praça Quinze, a reforçar reivindicação de ter uma brigada de incêndio e alarmes sonoros. Equipes a postos para combater chamas também faltam ao Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, e ao Museu de Imagem e do Som (MIS).

Semana passada, a direção da Fundação Biblioteca Nacional disse que investirá R\$ 1,2 milhão num sistema de detecção e alarmes contra incêndios, no prédio da Cinelândia. Sem a presença de brigada de incêndio nos dois prédios do MIS (Lapa e Praça Quinze), a presidente da instituição, Rosa Maria Araújo, admite que o incêndio na UFRJ trouxe de volta o temor — o museu sofreu um incêndio em 2008, em 2008, também no telhado, combatido

Ana Branco



O MUSEU NACIONAL, na Quinta da Boa Vista: falta brigada de incêndio

pelos bombeiros. Hoje, os prédios têm extintores de CO₂, detectores de fumaça e segurança eletrônica (câmeras monitoradas nas portarias). A ideia é reivindicar agora ao estado equipamento de alarme sonoro.

— Além do sistema elétrico reformado, temos detectores e extintores, mas precisamos de uma brigada — diz Rosa. O MIS é dono de um acervo de 300 mil itens, como partituras musicais, vídeos, figurinos, textos, cartas, fotos, gravuras e outras preciosidades. Rosa

reivindicou para usar

os extintores, e a fiação elétrica foi substituída. Tudo para tentar proteger um acervo de obras raras em livros, pinturas, múmias e itens de botânica. Apenas dois mil itens foram digitalizados, e as cópias enviadas para um outro prédio, também na Quinta da Boa Vista.

O Museu Nacional começou a distribuir seu acervo por prédios anexos ao palácio. As cópias já digitalizadas do acervo raro estão guardadas no núcleo de computação eletrônica da UFRJ, no Fundão.

— Vou reforçar junto ao Instituto Brasileiro de Museus autorização para a criação de uma brigada — garante Wagner William Martins, diretor adjunto administrativo do museu.

No Museu Histórico Nacional, dono de um acervo com 300 mil itens, a segurança inclui detectores de fumaça, extintores e alarmes sonoros.

— O complexo precisa de brigada e de mais equipamentos sonoros — admite a diretora Vera Tostes. — Hoje, o museu tem 60% do acervo digitalizado em cofres à prova de fogo.

Apenas a Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional, segundo as respectivas direções, contam com brigadas de incêndio. ■

Tecnologia moderna para reduzir ameaças

Especialista defende uso de câmera termográfica

Os museus podem seguir uma série de medidas de prevenção para reduzir os riscos de incêndios. Um dos aliados mais modernos são as câmeras termográficas, um sensor que, instalado num ambiente, aciona um alarme quando detecta o aumento de temperatura. Bem mais eficaz do que um detector de fumaça, que é acionado, na maioria das vezes, já com o foco do incêndio instalado, é a opinião do especialista em Análise de Acidentes e Planejamento de Emergências Moacyr Duarte, pesquisador do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe), da UFRJ.

Moacyr orienta ainda a checagem semanal, por meio de uma pistola de mão, da temperatura dos equipamentos elétricos, como sistema de ar-condicionado. A verificação de dijuntores, tomadas e tudo que pode ser desligado ao final do expediente deve ser diária. Ainda segundo ele, mesmo que a instituição tenha instalados extintores, de acordo com as normas dos bombeiros, é indispensável uma quantidade reserva. As brigadas são indispensáveis, mesmo que sejam formadas por funcionários. O acervo, fora de exposição, nunca pode estar amontado em depósitos, pois é preciso espaço para o deslocamento dos extintores em caso de incêndio. O pesquisador desenvolveu um tipo de extintor, com CO₂ e gelo seco, que permite combater o fogo sem danos ao acervo.